

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CURSO DE FILOSOFIA

## **Material Didático**

Nomes: Josiana Hadlich de Oliveira, Leila R. Klaus e Tamires Dalmagro  
Disciplina: Pesquisa para o Ensino de Filosofia  
Professor(a) responsável: Elisete M. Tomazetti

Santa Maria, vinte de novembro de 2008.

## **Apresentação do trabalho**

Na complexidade do mundo contemporâneo, com suas grandes diversidades e exigências, espera-se que o estudante possa compreender, pensar e problematizar os conteúdos básicos propostos na estrutura escolar. Tendo isso em vista, é necessário serem apresentados em sala de aula, no decorrer da disciplina de Filosofia, os conceitos éticos que possam ajudar o estudante a interpretar, questionar e agir de maneira mais correta no seu cotidiano.

Como a Ética, em nossa perspectiva, procura elaborar respostas aos problemas suscitados e investigados, pensamos que com a problematização e investigação de questões que envolvem a realidade dos estudantes, eles poderão desenvolver a atividade filosófica com seus conteúdos básicos. Desta forma será possível a reflexão e formulação de soluções e posicionamento, por parte dos alunos, diante das dificuldades.

Portanto, realizado todo este processo, o aluno estará capacitado a construir idéias autônomas e criativas, cujo resultado pode ser avaliado pelo próprio estudante e pelo professor.

O tema escolhido para ser desenvolvido neste material didático, é um conteúdo que está inserido na Ética: a Moralidade. Optamos por este assunto, pois ele é de grande importância para nos ensinar como devemos viver e por quê.

Nosso objetivo é apresentar uma concepção mínima do que seria a moralidade, seguindo um método que nos parece mais acessível para a compreensão do aluno, sendo pressuposto que a Lógica já foi ensinada. Assim, pensamos que a melhor maneira de abordar o tema seria, para gerar o resultado desejado, expondo alguns dilemas morais que possam despertar interesse.

Contudo, analisando todas as considerações apresentadas, o propósito das aulas construídas é de sensibilizar os alunos para ocorrer discussões, debates, elaboração de idéias e, por fim, a conceitualização dos temas.

## **Desenvolvimento da Atividade Didática**

### **Primeira aula:**

O objetivo desta aula é sensibilizar o aluno, através da seguinte questão: o que você faria em determinada situação?

- Exemplos que serão dados em aula:

1º) Uma prisioneira polonesa em Auschwitz recebe um “presente” dos nazistas: ela pode escolher, entre o filho e a filha, qual será executado e qual deverá ser poupado. Escolhe salvar o menino, que é mais forte e tem mais chances na vida, mas nunca mais tem notícias dele.

2º) Um trem vai atingir 5 pessoas que trabalham desprevenidas sobre a linha. Mas você tem a chance de evitar a tragédia acionando uma alavanca que leva o trem para outra linha, onde ele atingirá apenas uma pessoa. Você mudaria o trajeto, salvando as 5 e matando 1?

No segundo exemplo, parece que a decisão seria facilmente tomada, pois parece ser mais razoável matar uma pessoa do que cinco pessoas. Mas seria tão fácil assim escolher entre matar um milhão ou cinco milhões de pessoas?

- Depois de obter a opinião de cada um dos alunos a respeito das duas situações apresentadas, mostrar a eles, através da seguinte definição, que esses são exemplos de dilemas morais.

- Definição:

De modo geral, podemos definir os dilemas morais como uma espécie de conflito entre deveres, onde o agente se encontraria em situação tal que devesse fazer duas ações (ou mais) ao mesmo tempo. Nesta situação seria possível para ele fazer cada uma das ações em separado, porém, não poderia fazer a ambas conjuntamente – o fazer de uma das ações em questão anularia automaticamente o fazer da outra. O sujeito pareceria então, condenado a um fracasso moral, pois não importa o que fizesse, faria algo errado. Em outras palavras, dilemas morais são situações nas quais nenhuma solução é satisfatória. São encruzilhadas que desafiam todos que tentam criar regras para decidir o que é certo e o que é errado, de juristas a filósofos que estudam a moral.

- Após apresentada e explicada a definição, poderíamos formular uma outra situação:

“Imaginem que vocês vão a um bar e ao chegar encontram a seguinte placa:

- Refrigerante	R\$ 3,50
- Cerveja	R\$ 2,50
- Água Mineral	R\$ 1,00
- Maconha (baseado)	R\$ 3,00
- Maconha (3 gramas)	R\$ 12,00
- Pastel	R\$ 2,00
- Xis Tradicional	R\$ 4,50
- Cachorro Quente	R\$ 3,00
- Cigarro	R\$ 3,40

(Essa placa seria desenhada no quadro negro)

Qual seria a reação de vocês? Drogas sendo legalizadas seria algo bom ou ruim?”.

- Entrega do texto abaixo contendo trechos de algumas reportagens:

**A gente já sabe que faz mal. Mas será que a LEGALIZAÇÃO da maconha pode acabar com o ciclo de tráfico e violência que afeta a todos?**

Legalizar não é a solução.

Cresceu, nos últimos cinco anos, o debate sobre a possibilidade de descriminalizar o uso da erva cannabis sativa, a maconha.

No centro deste debate, duas questões parecem realmente deter a pertinência do assunto: o crime organizado em torno do produto e os problemas pessoais e sociais acarretados ao usuário. A liberação para o uso da maconha não soluciona nenhum destes problemas: o crime não depende da maconha e a dependência psicológica não cessará porque se tornou de livre utilização. Analisaremos estes dois pontos.

O crime organizado atua de forma sutil e ampla, com uma estrutura hierarquizada e disseminada sistematicamente por todas as camadas da população. O alto escalão se compõe de eminentes políticos, prelados, banqueiros e outras pessoas desconhecidas da grande mídia. Com uma teia muito bem articulada, promove seu esquema criminoso em todos os seguimentos da economia, desde o desvio de verbas públicas até a venda, no varejo, de pequenas quantidades de drogas e objetos contrabandeados. A maconha entra nesse sistema como mais um elemento apenas como mais um produto.

A descriminalização da maconha apenas tiraria um grão de areia da praia da violência do crime organizado. Este rapidamente comporia parcerias com o governo e dominaria legalmente, a exemplo do comércio de cigarros, álcool e drogas farmacêuticas, o setor que hoje controla criminalmente. A violência e a corrupção continuariam, e o crime, de forma nenhuma, seria prejudicado.

Outro efeito de uma possível legalização seria o aumento gradativo do número de usuários, estendendo a toda população os malefícios físicos, psicológicos e sociais desta droga. Um grupo enorme de pessoas engrossaria a fileira de dependentes de drogas, levando muitas famílias à destruição moral e social.

O fato de a maconha tornar-se um produto de livre comércio, a colocaria no perigoso rol das drogas livres - encabeçado pelo cigarro e pelo álcool - e que está

absolutamente longe de ser controlado pelo governo (vide o embate do governo com os fabricantes de cigarros nos últimos dois anos).

A descriminalização da cannabis não interessa nem à sociedade, nem ao governo, que pode até ganhar com a taxaço de impostos, mas perde no gasto público com saúde. Nós precisamos é de medidas que afastem a sociedade do risco que é a dependência de drogas e não daquelas que nos aproximem mais de sua utilização.

A maconha é droga sim, e prejudica demais a saúde para ser vendida livremente em qualquer botequim de esquina.

Legalizar pode ser a solução.

A legalização do uso da maconha ainda é motivo de muita polêmica e discussão, já que entra em debate uma série de variáveis que devem ser levadas em consideração. As questões a serem levantadas remetem à perspectiva de incluir o uso da droga, de uma maneira geral, como problema de saúde pública e não de criminalidade.

O consumo de maconha, enquadrada atualmente como uma droga ilícita "leve", gera dúvidas sobre se deve ou não ser legalizada.

Consideram a maconha como a "porta de entrada" para o uso e dependência de outras drogas, mas não há uma comprovação científica sobre isso, já que estudos realizados para tentar identificar tal fenômeno apontaram não a maconha, mas o álcool e o tabaco como possíveis portas preferenciais.

Ainda que o uso exagerado da maconha mereça certa atenção, estudos mostram que seu consumo é geralmente esporádico, recreacional e dura apenas alguns anos, sendo abandonado espontaneamente sem a necessidade de tratamento especializado, o que a difere das demais drogas, principalmente as lícitas, como o cigarro e o álcool.

Contudo, não significa que a utilização indiscriminada da maconha não cause dependência, mas, ao contrário do tabaco, sua dependência é um fenômeno raro, quando temos como referência o universo de usuários ocasionais desta droga.

Outra variável importante acerca da discussão da legalização desta droga é sua relação com o tráfico e a violência.

Alguns usuários de maconha relataram que se sentem mal em ter que comprar a droga com os traficantes, o que alimentaria assim o tráfico e a violência. Segundo eles, a descriminalização da droga evitaria o crescimento do tráfico e conseqüentemente diminuiria a violência.

Deve-se considerar, também, a utilização benéfica da planta. Segundo dezenas de estudos, a Cannabis Sativa, nome científico da maconha, tem ação antiepiléptica e diminui as náuseas provocadas pela quimioterapia, além de comprovar que substâncias existentes na maconha podem aliviar a dor neuropática.

Opiniões de pessoas conhecidas na mídia:

-Gustavo Borges, nadador: "Se estão legalizando a maconha em outros países, é sinal de que esse é um caminho. Mas sou contra. Não quero meus filhos fumando."

-Rubinho, goleiro: "Se legalizassem, fumariam menos."

-Nana Caymmi, atriz: "Sou contra. As pessoas perdem o senso. Até as crianças vão experimentar! E se, entre elas, houver uma com perfil de dependente?"

-Robert Scheidt, iatista: "Sou contra: aumenta o consumo e dá mau exemplo para crianças."

-Cheila de Paula, estilista: "Sou a favor da liberação, mas só para adultos."

- Cada aluno receberá uma cópia do texto.
- Os alunos serão divididos em dois grupos escolhidos pelo professor para um debate proposto para a aula seguinte. Haverá um grupo a favor e outro grupo contra a legalização da maconha (mesmo que tenham que ir contra suas próprias opiniões). Eles deverão elaborar argumentos em casa e trazer para o debate.
- Esta atividade, que será uma parte da avaliação, valerá pontos na nota final dos alunos.

**Segunda aula:**

O objetivo desta aula, além da problematização, será a realização do debate com vistas ao aperfeiçoamento da argumentação do aluno. Também a criatividade será avaliada nas redações que serão feitas e entregues após o debate.

- Debate de aproximadamente 20 minutos.
- Em seguida, os alunos terão de redigir um texto fazendo a conclusão do debate. Com isso, o professor poderá, entre outras coisas, analisar a capacidade da escrita dos mesmos.
- Fechamento da aula: será comentado que na próxima aula será apresentado o conceito de Moralidade, já que este parece tratar com maior facilidade alguns dilemas morais.

### **Terceira aula:**

O objetivo será a conceitualização da Moralidade e explicitação de alguns termos ligados a ela.

- “Nós não estamos discutindo um problema sem importância, mas, ao contrário, como deveríamos viver” (Sócrates, em *A República* de Platão, por volta de 390 a.C.) – esta citação será escrita no quadro-negro.

- A partir desta frase descreveremos uma concepção mínima do que é Moralidade, ou seja, uma essência que toda teoria da moral deveria aceitar pelo menos como um ponto inicial.

- **Conceitualização:**

Razão e imparcialidade fazem parte do bom julgamento moral, pois estes devem ser compostos por razões válidas e exigem uma consideração imparcial do interesse de cada indivíduo. Nossos sentimentos podem ser irracionais, eles podem ser nada mais que produtos do preconceito, do egoísmo ou da condição natural. Os diferentes sentimentos que as pessoas têm geralmente dizem coisas opostas, mas ambos os sentimentos não podem ser corretos. Por exemplo, um usuário de maconha provavelmente irá defender a legalização da droga, pois facilitaria o consumo. Já um não usuário reprovaria a legalização, tendo em vista suas preocupações particulares.

A Moralidade é, em primeiro lugar, uma questão de consultar a razão. A coisa certa a se fazer moralmente, em qualquer circunstância, é aquela para a qual há as melhores razões. Porém, nem todas as razões que podem ser desenvolvidas são válidas por envolverem elementos subjetivos. A primeira coisa que devemos fazer é entender os fatos corretamente, ou seja, compreender que os fatos existem independentemente de nossas vontades, e o pensamento moral responsável começa quando tentamos ver as coisas como elas realmente são.

Depois dos fatos estarem estabelecidos, os princípios morais são colocados em funcionamento. Não devemos usar as pessoas, não devemos matar uma pessoa para salvar outra, é errada a discriminação, toda vida é sagrada, são alguns exemplos de princípios morais. Tendo os princípios, a questão a ser analisada é se eles são consistentes e estão sendo inteligentemente aplicados.

A exigência de imparcialidade para as teorias morais tem a idéia básica de que os interesses de cada indivíduo. Esta regra nos proíbe de tratar uma pessoa diferentemente da outra quando não há razão válida para agir assim.

Portanto, Moralidade é o esforço em guiar a conduta do indivíduo por meio da razão, enquanto ao mesmo tempo se dá um peso igual aos interesses de cada indivíduo que será afetado pelo o que alguém faz.

- Alguns tópicos desta conceitualização serão descritos no quadro-negro e explicados oralmente.

- Deverá ser feita a ênfase na atitude racional que deve ser envolvida na solução de um dilema moral.

- Questões sobre o assunto abordado em aula (tarefa de casa):

Obs.: estas questões serão avaliadas como participação.

1) Será que é possível sempre ter uma atitude racional em questões que envolvem dilemas morais? Como no caso da prisioneira polonesa em Auschwitz? Será que conseguimos nos desvincular dos elementos subjetivos?

2) Com relação à imparcialidade, ela exclui qualquer preconceito e discriminação, mas dar privilégio a alguém também não é ser imparcial. Tendo isto em vista, qual sua opinião a respeito das cotas para a seleção realizada no vestibular?

## **Considerações Finais**

Neste trabalho houve a possibilidade de nos colocarmos na posição de professores e percebermos que a composição de uma boa aula exige muita dedicação. O interessante que ao nos colocarmos como professores, surge a imaginação de como será o retorno dos alunos e é isso que acaba motivando a produção e estrutura da aula.

Tentamos ser criativos quanto ao debate, principalmente no ponto em que eles tiveram que defender ou não uma posição que possivelmente seria contrária ao que pensam realmente.

Tivemos a oportunidade de criar meios de ensino e abordagem da Filosofia em uma sala de aula. Através destes meios supomos que haverá uma certa atenção e interesse dos alunos para com a aula, o que é o objetivo e desejo central de todo professor.

Pensamos ser necessário o uso de textos dos próprios filósofos, o que neste material didático não foi feito de forma significativa, pois parece que há certas restrições em algumas instituições escolares a este respeito.

Por fim, procuramos usar o método proposto por Silvio Gallo, pois parece que este método é o mais eficaz para a apreensão por parte do aluno dos conceitos básicos de Filosofia e, conseqüentemente, para a condução do mesmo na formação de um pensamento filosófico. Em outras palavras, seria muito gratificante ver nossos futuros alunos aprender filosofia e fazer filosofia.

## **Referências**

GALLO, S. *Filosofia na Educação Básica: uma propedêutica à paciência do conceito*. 2005.

PLATÃO. *A República*. Trad. Ciro Mioranza. 2. ed. São Paulo: Escala, s.d.

RACHELS, J. *O que é moralidade?* In: Idem. *Elementos de filosofia moral*. 4. ed. São Paulo: Manoli, 2006.

<http://caixapretaube.blogspot.com/2008/09/especial-caravana-da-une-drogas.htm>

<http://forum.valinor.com.br>

<http://www.growroom.net>